

Homeopatia cambial

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

No Brasil, o comportamento especulativo desafia o governo. Após uma semana em que o fantasma de uma crise econômica mundial assombrou os mercados, EUA e China deram sinais de que não devem ficar de braços cruzados. Mesmo assim, o alerta não pode ser desligado no Brasil. Os principais motores financeiros mundiais deram sinais de desaceleração. O crescimento de 6,2% do PIB chinês no trimestre é o mais baixo dos últimos 27 anos. A Alemanha teve um recuo de 0,1% nos primeiros três meses do ano. E, num sinal que só ocorre quando a recessão se aproxima, os títulos do governo norte-americano de 30 anos ficaram abaixo dos de curto prazo, refletindo desconfiança com o futuro da economia. O maior motivo de preocupação é a guerra comercial entre EUA e China. Ciente do quanto isso pode sair caro para a economia e para sua reeleição, o presidente Donald Trump afirmou no fim de semana que mantém o diálogo “substancial” com Pequim e estendeu o prazo para a gigante de telecomunicações Huawei comprar suprimentos dos Estados Unidos, num claro sinal de redução das tensões. No Brasil, o comportamento especulativo desafia o governo. Mais de R\$ 19 bilhões estrangeiros deixaram a Bolsa, a moeda norte-americana se desvalorizou quase 4% na última semana, e o Ministério da Economia anunciou que venderá dólares à vista pela primeira vez desde 2009. O país tem mais de US\$ 400 bi em reservas cambiais – uma folga substancial em relação às crises passadas. Mas havia decidido limitar esse gasto pela tendência que ele tem de aumentar o custo das exportações e reduzir vendas externas. Diante do temor de que o Brasil possa ter sua segunda queda seguida do PIB trimestral e entrar em recessão técnica, a diferença entre o remédio – para o câmbio – e o veneno – para a indústria –, como dizem os homeopatas, está na dose. Comentar a matéria Disparidade perversa Há quase quatro anos, a disparidade não para de crescer, e o Brasil fica atrás de países como Guatemala e Ruanda no índice Gini. Apesar da frágil melhora registrada pelo IBGE na semana passada, a lenta retomada do emprego, com cerca de 12 milhões de trabalhadores fora do mercado, aprofunda a desigualdade no país e torna os brasileiros alvos fáceis de boatos, como os que provocaram filas quilométricas em Niterói, na semana passada, atrás de uma vaga que simplesmente não existia. Estudo da FGV Social mostra que, em cerca de dois anos, mais 6,2 milhões de pessoas entraram em situação de pobreza, um grupo que já representa mais de 11% da população. Há quase quatro anos, a disparidade não para de crescer, e o Brasil fica atrás de países como Guatemala e Ruanda no índice Gini, criado para medir essa desigualdade no desenvolvimento humano. De acordo com os pesquisadores da FGV, ao longo desse período, a renda da metade da população mais pobre caiu 17,1%, enquanto os ganhos do 1% mais rico avançou 10,11%. Um dos elementos que aprofundam esse fosso é a forma desigual como o mercado incorpora os trabalhadores. No segundo trimestre deste ano, das pessoas empregadas, 60,1% tinham concluído pelo menos o ensino médio, e 20,5% possuíam o superior completo. As pessoas sem qualquer instrução mal passavam de 2% da força de trabalho. E, atualmente, o Brasil ainda possui uma massa de 13,1 milhões de analfabetos. Trata-se de uma situação perversa que tende a se perpetuar, pois, sem emprego, a pessoa não tem recursos para se instruir e capacitar. Sem educação formal, não consegue trabalho. O enfrentamento do problema da desigualdade e da desocupação passa por medidas econômicas, sim, como a desburocratização, a eliminação de tributos e a simplificação da legislação. Mas, como os dados provam, têm que incluir obrigatoriamente a valorização da educação em todos os níveis e a ampliação dos investimentos em infraestrutura, capacitação de professores e abertura de escolas onde a população mais carente efetivamente precisa.

